ISSN: 1984-8781 - Anais XVIII ENANPUR 2019. Código verificador: **IRCyKOpUMi5Z** verificar autenticidade em: http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais

Anhaia Mello e a Escola de Chicago: Análise da apropriação das ideias de Park e Burgess no “Plano Regional de São Paulo”

Autores:
Tadeu Lara Baltar da Rocha - FAUUSP - tadeulbr@gmail.com

Resumo:

Na década de 1950, Anhaia Mello, um dos mais ativos agentes do debate urbanístico paulista, apresenta sua polêmica proposta de descentralização e contenção do crescimento de São Paulo. Visando avançar na compreensão do discurso de Anhaia Mello e, de modo mais amplo, na sua inserção no contexto geral de circulação das ideias do Urbanismo, o presente artigo analisa a apropriação de conceitos e ideias caros à Escola de Chicago de Sociologia na transcrição da palestra em que ele justifica suas propostas. Conclui-se que, embora não sustente o argumento central, elementos da Escola de Chicago são importantes para a visão urbanística de Anhaia Mello, principalmente no que diz respeito ao reconhecimento de que o planejamento urbano deveria considerar as forças sociais que atuam nas cidades. Uma tensão, no entanto, é identificada: a “cidade genérica” seria moldada por forças sociais, mas pouca atenção é dedicada à análise daquelas que atuariam de fato em São Paulo.

ANHAIA MELLO E A ESCOLA DE CHICAGO

Análise da apropriação das ideias de Park e Burgess no "Plano Regional de São Paulo"

INTRODUÇÃO

Anhaia Mello foi personagem destacado do campo do Planejamento Urbano em São Paulo. Vereador e prefeito entre os anos de 1923 e 1930, teve seu grande destaque, inclusive em termos políticos, como intelectual e professor. Docente da primeira cátedra de Urbanismo na Escola Politécnica, formou diversas gerações profissionais. A partir da USP ou por meio de entidades civis como o Instituto de Engenharia e a Associação Amigos da Cidade, notabilizou-se como um dos principais atores dos debates urbanísticos do século XX.

Um episódio que exemplifica suas posições nos debates urbanísticos aconteceu em 1953. Naquele ano, Anhaia enviou à recém-criada Comissão do Plano da Cidade uma proposta sobre como deveria funcionar o planejamento de São Paulo e quais deveriam ser seus pilares orientadores. Prestes Maia, também ex-prefeito e membro da Comissão, apresentou relatório contrário a suas principais propostas – limitar o crescimento da capital e proibir a instalação de novas indústrias em seu território. A repercussão do episódio na imprensa e nas revistas especializadas foi significativa e, em oito de novembro do ano seguinte, Anhaia Mello ministrou palestra na FAUUSP em que justificava suas propostas.

A transcrição da fala de Anhaia Mello (1954b) naquele dia é muito significante para a pesquisa da história do Planejamento. Por um lado, estava inserida em um debate mais amplo sobre o futuro de São Paulo e, como tal, foi analisada de forma comparativa por Meyer (1992) e Osello (1983), em relação ao que postulava Prestes Maia. Por outro, trata-se de um dos materiais mais abrangentes de autoria do urbanista, em que há o esforço de "amarrar" todos seus conhecimentos em torno de um manifesto sobre a prática do planejamento urbano, a natureza das cidades e preceitos para sua "reorganização". A análise aprofundada desse material colabora para a reflexão sobre uma das principais vertentes a partir das quais se orientou o Urbanismo paulista[1].

No presente artigo, descrevem-se os resultados de uma pesquisa que busca analisar as formulações e propostas de Anhaia Mello a partir da origem de suas referências. Investiga-se como proposições e conceitos identificados com a Escola de Chicago de Sociologia foram

[1] Feldman (2005, p. 21) aponta que "pode-se depreender que três vertentes de pensamento – de Prestes Maia, de Anhaia Mello e do Padre Lebret – influenciaram sobremaneira a atuação dos urbanistas paulistanos, a partir dos anos de 1940", enquanto Rolnik (1997, p. 194) ressalta que "[o] "esquema Anhaia" lançou as bases no Brasil para toda a experiência de planejamento urbano, que ocorreu nas décadas seguintes, constituindo, em conjunto com o pragmatismo das grandes obras de Prestes Maia, a dualidade em torno da qual tem gravitado a política urbanística até nossos dias".

apropriados, reproduziram e compuseram seus argumentos. Três perguntas orientaram a reflexão:

(1) Qual a relevância dos métodos, temas e conceitos da Escola de Chicago para a reflexão de Anhaia Mello sobre a cidade e seu planejamento?
(2) Como Anhaia Mello emprega a "Escola de Chicago" em seu discurso sobre o planejamento urbano?
(3) Quão coerente é a utilização de métodos, temas e conceitos da Escola de Chicago por Anhaia Mello?

Para responder essas questões, buscou-se identificar citações e paráfrases de Anhaia Mello aos principais autores da Escola de Chicago. Assinalou-se todas as citações diretas a autores como Robert Park, Ernest Burgess, Roderick MacKenzie e Louis Wirth, mas também foi necessário atentar para algumas expressões que costumam ser relacionadas com autores de Chicago ("Ecologia humana", "estrutura urbana", "estrutura ecológica" e "cidade como laboratório" foram identificados em seus textos). Algumas passagens em que Anhaia Mello parafraseia trechos importantes de obras de outros autores, mas não faz referência direta a eles, também foram identificadas. Em seguida, a linha de argumentação na palestra da FAUUSP (Mello, 1954b) foi analisada e o papel das referências à Escola de Chicago, identificado. Buscou-se, complementarmente, identificar na trajetória de Anhaia Mello o ineditismo – ou a repetição – das ideias que ele apresentava naquele momento.

A abordagem adotada na análise permite avançar na pesquisa sobre o Urbanismo de Anhaia Mello lidando com um recorte que lança luz à questão da circulação das ideias em âmbito internacional. Mais do que reconhecer referências e destacar eventuais influências, pode-se, com esse trabalho, verificar a lógica e a consistência das proposições do planejador paulista frente a dos textos e autores com que tinha contato.

O artigo está organizado em três sessões. Na primeira, discute-se o que teria sido a Escola de Chicago de Sociologia e sua relevância para o conjunto dos estudos urbanos. Em seguida, trata-se das propostas e argumentos principais de Anhaia Mello em sua defesa do Planejamento Regional na palestra de 1954. A última sessão discute as citações e o papel das ideias da Escola de Chicago na grande narrativa criada pelo urbanista.

A ESCOLA DE CHICAGO

A Escola de Chicago foi pioneira no estudo sistemático dos temas urbanos e teve grande destaque na Sociologia americana no começo do século XX. Embora a expressão "escola" não fosse utilizada quando pesquisadores como Park e Burgess lideravam os trabalhos no departamento de sociologia da Universidade de Chicago, ela é amplamente difundida nos temas de história dos estudos urbanos.

A discussão sobre a classificação de um grupo de pesquisadores como parte de uma escola sociológica de Chicago é ampla e enfrenta questões importantes, como a proximidade

e a consistência metodológica entre esses pesquisadores. Kurtz (apud Smith, 2003, p.3) identifica três gerações da Sociologia de Chicago e, com isso, aproxima à ideia da "escola" a de membros do departamento de Sociologia da universidade local. Lewis e Smith (apud Eufrásio, 2013, p. 37), por outro lado, afirmam que sequer haveria uma tradição ou uma comunidade intelectual que servisse para caracterizar qualquer unidade dentre os sociólogos lidados àquele departamento.

Para essa pesquisa, aproxima-se o recorte do que teria sido a Escola de Chicago ao que Eufrásio (2006) ressalta: apesar da heterogeneidade de temas e análises, um projeto de pesquisa serviu como referência para uma série de trabalhos, oferecendo instrumentos, método, metas, temas e problemas. Nesse sentido, a ligação da "Escola" com a cidade de Chicago não viria do local de estudo ou de pesquisa dos sociólogos[2], mas, ao invés disso, da origem dos questionamentos e problematização que constituíram tal programa de estudo.

Dois projetos de pesquisa se destacaram entre as décadas de 1910 e 1930 no Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago e caracterizaram uma linha de pesquisa. O primeiro deles se constituiu a partir do artigo "Race Psychology" (1912) de William Thomas e o segundo é ilustrado pelo artigo "The City" ([1915] 1952), de Robert Park (Eufrásio, 2013, pgs.3-5).

A "Ecologia Humana", expressão que costuma designar a segunda linha de pesquisa, recebeu mais atenção, pois seus principais proponentes, Park e Burgess, assumiram a liderança do departamento e orientaram diversos trabalhos[3]. Teve grande relevância para a estruturação de um campo dos estudos urbanos, influenciando desde cedo estudos que iam da Sociologia. O economista Homer Hoyt, por exemplo, referência importante para a análise do espaço intraurbano do arquiteto Flávio Villaça (2009), desenvolveu trabalhos notáveis que dialogavam diretamente com as análises da estrutura urbana da cidade propostas por Burgess. Análises da estrutura urbana e da distância entre grupos sociais realizadas a partir dessas propostas estiveram na base de numerosos estudos sobre segregação urbana desde então. Merkel (2014) as classifica como o "enfoque clássico da segregação residencial". Em São Paulo, Donald Pierson, cujo doutorado sobre as relações étnicas na Bahia foi orientado por Robert Park, desempenhou o papel de difusor das ideias da Escola de Chicago desde sua contratação pela Escola de Sociologia e Política (Mendoza, 2005).

Três textos, com os quais Anhaia Mello teve contato ao longo de sua trajetória, caracterizam os fundamentos e as proposições básicas que orientaram a pesquisa sobre a Sociologia Urbana e a Ecologia Humana da Escola de Chicago (Eufrásio, 2013). Em "The City", Robert Park [1915] elabora um manual de pesquisa: levanta temas e esboça conceitos fundamentais para analisá-los e, até apresenta questões sobre cada uma das quatro categorias de que trata: "o plano da cidade", "a organização industrial e a ordem moral", "as relações secundárias e o controle social" e "o temperamento e o meio urbano". No "Acervo

[2] Chicago foi a cidade mais pesquisadas naquele contexto e, várias ideias importantes para os estudos urbanos foram formuladas a partir de sua observação. No entanto, muitos orientandos por Park e Burgess estudaram outras cidades e regiões.
[3] As duas abordagens se entrelaçavam ainda nos anos iniciais. Posteriormente, os estudos de Thomas, que foi expulso da Universidade por motivos alheios à pesquisa sociológica, seriam retomados. Nos primeiros trabalhos de Louis Wirth, um dos nomes mais frequentemente relacionados à Escola de Chicago dentre os orientados de Park e Burgess, a influência de Thomas é marcante (Rufato, 2010, p. 124) (Smith, 1988, p. 154-6)(Eufrásio, 2013, p. 04).

Anhaia Mello"[5] consta um exemplar do livro "Human Communities", uma coletânea de papers de Robert Park no qual uma versão revisada (ibidem, p. 48) de "The City" foi publicada.

O livro "Introduction to the Science of Sociology", publicado em 1921 por Burgess e Park, por sua vez, servia como guia para as disciplinas de introdução à Sociologia que lecionavam e foi adotado em faculdades de todos os Estados Unidos (ibidem, p. 65). Nesse material, que soma mais de mil páginas, há catorze capítulos nos quais uma introdução a um tema relevante para a sociologia era seguida de uma lista de materiais, considerações bibliográficas e, por fim, questões e temas para discussão. O termo "Ecologia Humana" foi apresentado pela primeira vez nesse livro. Anhaia Mello cita esse manual em artigo de 1929 (Mello, 1929).

É a partir, entretanto, de "The Growth of the City" (Burgess, 1925) que se pode identificar uma base para os estudos sobre a estrutura da cidade. No artigo, que servia como apresentação das atividades previstas do departamento, Burgess apresenta o famoso diagrama dos círculos concêntricos para explicar o crescimento da cidade. Anhaia Mello faz menção ao "molde ecológico" da metrópole e ao esquema em diversos materiais da década de 1950 (Mello, 1954b; 1957).

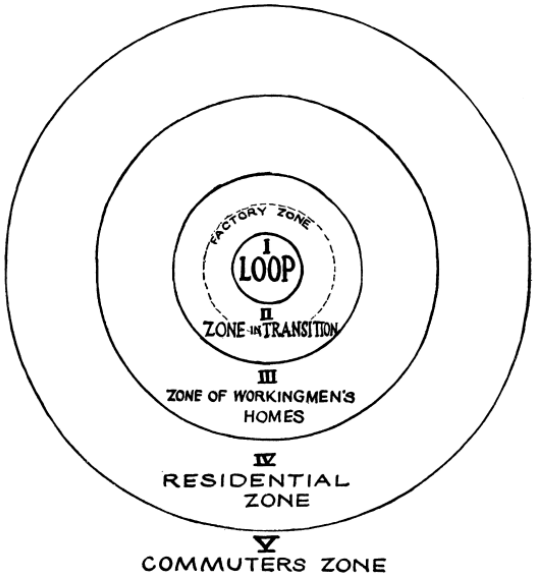

Imagem I - Zonas urbanas segundo o princípio da expansão radial da cidade (Burgess, 1925).

A ORGANIZAÇÃO E OS PRECEITOS DO PLANEJAMENTO REGIONAL

[5] Os livros doados por Anhaia Mello à FAUUSP encontram-se atualmente na biblioteca da FAU Maranhão, em São Paulo.

Na década de 1950, Anhaia Mello, já professor e profissional renomado no campo do urbanismo, apresentou uma série de propostas para o planejamento de São Paulo enquanto membro da "Comissão do Plano da Cidade". Dada a grande repercussão gerada por esse fato, proferiu uma palestra no dia do Urbanismo de 1954, na FAUUSP, para justificar suas ideias. Dois pontos despertaram a polêmica naquele momento e foram, em parte, defendidos na fala na faculdade que fundara: a defesa da limitação do crescimento da capital do estado e da proibição de instalação de novas indústrias no município.

Como outros urbanistas importantes da década de 1950, Anhaia Mello voltava suas atenções para propostas de planejamento regional pluricêntrico (Feldman, 2009) e, a partir da explicação do funcionamento e da importância de organização territorial dessa natureza, ele justificou na palestra a maior parte de suas propostas.

Distinguem-se duas grandes temáticas na transcrição da palestra, um dos registros mais ricos do pensamento de Anhaia Mello e que foi recuperada em dois importantes trabalhos para marcar sua oposição à visão de Prestes Maia sobre o futuro de São Paulo, os de Meyer (1992) e Osello (1983): (1) a da estruturação de um sistema de planejamento que abarcasse desde a totalidade do território nacional até as particularidades e a forma intraurbana de cada município, por meio de um conjunto de planos em diferentes escalas e comissões e (2) a do conteúdo e preceitos de organização do espaço que deveriam guiar a elaboração dos planos locais. Três conceitos básicos, ele apontava, deveriam guiar o planejamento na escala municipal: (a) a ideia de cidades jardins (e de cintas verdes que limitassem o crescimento e fornecessem alimentos), (b) as superquadras de Radburn (que permitissem o convívio entre os ritmos humano e do automóvel) e (c) as unidades de vizinhanças (Mello, 1954b, p. 38).

PROBLEMAS DAS CIDADES X PROBLEMAS NA CIDADE

Anhaia Mello defendeu, no começo da palestra, que a principal questão a ser tratada pelos urbanistas seria a da distribuição das populações no território. Com isso, marcava, de início a diferença entre o que entendi por planejamento urbano daquelas preocupações exclusivas com a estética urbana.

No caso do estado de São Paulo, o "gigantismo" da capital deveria ser combatido com a restrição ao crescimento da cidade, por meio da proibição da instalação de novas indústrias no município e da adequada distribuição da população (e da indústria) em outros municípios.

> "[...] O Plano Regional de São Paulo tem que estar em consonância com os interesses gerais do Estado. Mesmo que fosse interessante ao Município da Capital, por uma questão de receita, de orgulho metropolitano, de valorização imobiliária, êsse crescimento desmedido, o Estado deveria se opôr, no interesse de dez milhões de paulistas.

> Os destinos da maior cidade do Brasil interessam à nação brasileira e ao Estado de São Paulo. Itú ou Santa Cruz do Rio Pardo poderão resolver de maneira doméstica os seus problemas urbanísticos; São Paulo, não.
> Os problemas de São Paulo não interessam apenas à riqueza (wealth), mas à riqueza comum (commonwealth). E há relações precisas, nos organismos, entre cabeça e corpo.
> A tese da limitação do crescimento é incontestável. Desagrada a muita gente, porque põe termo a muita exploração imobiliária" (ibidem, p. 13-4).

A cidade, Anhaia Mello reconhecia, era importante para a ação humana e havia trazido bons frutos, mas ele se mostrava cético quanto aos efeitos que o crescimento descontrolado poderia acarretar. Sob o subtítulo de "O Ciclo do Metropolitanismo e o Complexo Tecnológico", o urbanista apresentou o ciclo[6] de seis estágios do desenvolvimento urbano, dos quais os três últimos representariam a decadência das cidades.

A Polis e a Metropolis, primeiras fases do ciclo, seriam – de acordo com o modelo – resultado da associação e da concentração de pessoas e interesses de indivíduos, ligadas à crescente divisão do trabalho e especialização: associações de aldeias (eopolis), nas quais residiriam as raízes essenciais da vida urbana. O crescimento da cidade e o aumento demográfico, até certo ponto, realçaria as características e ofereceria possibilidades de educação e cultura ao homem. A passagem da etapa da metropolis para a megalopolis veria, entretanto, a curva do desenvolvimento urbano tornar-se descendente e os valores daquelas organizações fundamentais, da eopolis e da polis, começariam a se perder.

> "Megalopolis:
> O crescimento continuará em virtude da velocidade adquirida. Início do declínio sob o ponto de vista humano e social. Grandeza e força. Triunfo do mecanismo e deshumanização. A vida humana subordinada à riqueza e à exploração generalizada. Anonimato, burocracia, indiferença cívica, passividade e resignação. Educação quantitativa, exploração das massas, conflitos e tensão permanentes.
> Tiranópolis:
> E o crescimento continua...
> Gagsterismo e cezarismo. Desaparece a consciência civica. A ordem só pode ser mantida pela violencia e ditadura. Censura generalizada da opinião. Êxodo. E afinal:
> Necropolis:
> O fim do ciclo. A vida social desaparece e da cidade resta apenas o arcabouço.
> Doenças, fome, guerra civil. Assim aconteceu em Babilônica, Ninive, na Roma das invasões" (ibidem, p. 33-4)

Embora tenha atribuído, na palestra, essas formulações a Patrick Geddes, Anhaia Mello reproduzia uma versão do "ciclo" atualizada por Lewis Mumford no capítulo "Rise and fall of

[6] Anhaia Mello apresentaria uma fala semelhante em "A Cidade: fator de hipertrofia das famílias" (1954a)

the megalopolis", em "The Culture of Cities" (Mumford, 1944), que adquirira em 1945[7]. Baseado na mesma fonte, apontou que a enorme concentração (utiliza o termo "empilhamento") que levaria à morte das grandes cidades seria fruto do complexo tecnológico paleotécnico, de cidades construídas para as tecnologias do carvão e da mecanização.

A solução para os problemas da cidade significava, diante dessas proposições, impedir que o desenvolvimento urbano levassem-na até a tiranópolis e a necrópolis. O crescimento não deveria acontecer indefinidamente, pois o argumento de Mumford reproduzido por Anhaia Mello nesse trecho insinua que os "problemas da cidade" seriam inerentes à própria (exarcebação da) forma urbana. Defendia-se, com isso, a necessidade "lutar contra o aumento de população" e "lutar contra tudo que é apenas maior em vez de melhor" (Mello, 1954b)

Essa linha de pensamento marcou uma interpretação que foi muito importante no período e que foi retomada muitas vezes no discurso sobre o planejamento no Brasil desde então: a de que não adiantaria reorganizar as grandes cidades, mas seria necessário começar do zero. O crescimento teria acontecido em ritmo muito superior ao que o planejamento poderia ou pode ter acompanhado e os males urbanos estariam, segundo essa formulação, ligados ao próprio crescimento da cidade. Não seriam um desvio, mas a regra, produto da urbanização "natural".

A ESCOLA DE CHICAGO NA PALESTRA DE 1954

Menções à Escola de Chicago aparecem diversas vezes na transcrição da palestra de 1954, mas não constituem um corpo único de argumentação. Ao invés disso, citações e referências a autores e conceitos caros ao projeto de Park e Burgess foram apresentados para tratar de assuntos distintos. Em três passagens Anhaia Mello se aproxima dos autores de Chicago: (1) ao defender a necessidade de conhecer a lógica e as forças sociais que moldam as cidades, (2) ao ressaltar os aspectos genéricos e pretensiosamente comuns entre todas as cidades e (3) ao buscar explicar os mecanismos "reais" que estariam por trás do "ciclo metropolitano".

Sociologia e Urbanismo

Um primeiro conjunto de referências ligadas à Escola de Chicago aparece na palestra no momento em que Anhaia Mello trata da natureza e da história das cidades. Ele o faz antes de justificar suas propostas para orientar o conteúdo dos planos sob a justificativa de que era necessário compreender as forças sociais que governam a vida e influenciam as estruturas ecológicas e morfológica das cidades. A mera referência à "estrutura ecológica da cidade" mostra, por si só, uma conexão com a Escola de Chicago:

[7] O exemplar que pertenceu a Anhaia Mello encontra-se em seu acervo na biblioteca da FAU Maranhão e tem uma assinatura com essa data.

> "Para abordar racionalmente o problema das cidades é preciso, preliminarmente, saber o que, de fato, elas são. To master the town, we must first know it.
> Conhecer as forças sociais que governam a vida e determinam a estrutura morfológica e ecológica da urbes" (ibidem - grifo nosso).

Apesar de existirem cidades diversas, com funções e tamanhos diferentes, Anhaia Mello apontava a cidade, genérica, como o "habitat natural do homem civilizado", onde

> "desenvolveu ele a sua filosofia e a sua ciência e se transformou de racional em sofisticado, sutil.
> O ambiente urbano é um mundo que o próprio homem fez para seu uso, mundo do qual ele se tornou prisioneiro e vitima, e no qual está condenado a viver.
> Canhestro aprendiz de feiticeiro" (ibidem, p. 28).

Tal colocação reproduzia, sem indicação explícita de fonte, o que Robert Park escreveu em "Chicago: the City as a Social Laboratory", texto de 1929, publicado em livro que fazia um balanço de aproximadamente quinze anos de atividades da Escola de Chicago. Como "The City", o artigo provavelmente foi lido por Anhaia Mello no livro "Human Communities".

> "The city has been described as the natural habitat of civilized man. It is in the city that man developed philosophy and science, and became not merely a rational but a sophisticated animal. This means, for one thing, that it is in the urban environment — in a world which man himself has made — that mankind first achieved an intellectual life and acquired those characteristics which most distinguish him from the lower animals and from primitive man. For the city and the urban environment represent man's most consistent and, on the whole, his most successful attempt to remake the world he lives in more after his heart's desire. But if the city is the world which man created, it is the world in which he is henceforth condemned to live. Thus, indirectly, and without any clear sense of the nature of his task, in making the city man has remade himself" (Park, 1952 [1929])

O mesmo sociólogo havia feito observação similar no clássico texto que inaugurou e guiou as primeiras pesquisas relacionadas à Ecologia Humana- "The City" - quando explicou porque se referia a isso:

> Much of what we ordinarily regard as the city-its charters, formal organization, buildings, street railways, and so forth is, or seems to be, mere artifact. But these things in themselves are utilities, adventitious devices which become part of the living city only when, and in so far as, through use and wont they connect themselves, like a tool in the hand of man, with the vital forces resident in individuals and in the community.

> The city is, finally, the natural habitat of civilized man. It is for that reason a cultural area characterized by its own peculiar cultural type:
> "It is a quite certain, but never fully recognized, fact," says Spengler, "that all great cultures are city-born. The outstanding man of the second generation is a city-building animal This is the actual criterion of world-history, as distinguished from the history of mankind: world-history is the history of city men. Nations, governments, politics, and religions-all rest on the basic phenomenon of human existence, the city." (Park, 1952 [1925])

A caracterização da cidade por Park era dual: ela seria forma física e, simultaneamente, conteúdo social/humano (Eufrásio, 2006, p. 5). Essa postura se refletia na ideia de Planejamento Urbano de que Anhaia Mello tratava. Por ser fenômeno humano, não só organização de um espaço em branco, era necessário analisar a cidade em termos sociológicos, não bastando os conhecimentos da engenharia civil e sanitária. Dez anos antes, Anhaia Mello já formulava de forma explícita que conhecer a cidade significa algum domínio sobre a sociologia. A relação com os estudos de Park pode ser identificada pela menção ao aspecto "ecológico" das cidades:

> "O sociólogo se interessa pelo aspecto material – morfológico e ecológico das cidades – porque este condiciona a personalidade e a organização social. O engenheiro civico ou urbanista, por sua vez tem que se interessar pela sociologia, porque o seu plano deve ser um instrumento de melhora social, de controle e direção das forças sociais que dominam o ambiente urbano.
> O equipamento material tem sentido humano e social, e não apenas mecanico.
> Plano pode ser definido de maneira perfeita como sendo:
> 1) The antecipation of needs and
> 2) The coordination of means towards
> 3) The development and execution of patten whereby the means meet the needs." (Mello, 1945)

No trecho, Anhaia designava o urbanista como um engenheiro cívico e, assim, retomava uma distinção – agora com um fundamento da teoria "sociológica" de Robert Park – que ele fazia desde cedo em sua trajetória: de que o urbanista não possuiria somente o conhecimento do engenheiro civil, trataria de mais do que obras. Em "Curso de Urbanismo", distinguiria o urbanista dos outros profissionais que tratam de construções e de cidades por seu conhecimento e preocupação sociológicos:

> "Num curso de engenharia, a matemática é exclusiva, consome todo o tempo e preocupação do estudante, não deixando lugar para uma cultura humanística. O arquiteto fica muito preso a seus gabaritos de atura, área, etc. Seria interessante que ambos tivessem uma noção mais precisa do problema urbanístico, que é mais de não construir do que construir. O <u>urbanista precisa, por sua vez, de uma cultura sociológica mais profunda</u>, sendo que os três, tanto o engenheiro, como o arquiteto ou o urbanista, necessitam fundamentalmente da compreensão humana do problema. Esta

> é a base de tudo em urbanismo – o homem é de novo o centro e a medida de todas as coisas" (idem, 1957, p. 01 – grifo nosso).

Desde a década de 1920, quando se declarava em "campanha cívica" pela divulgação do Urbanismo, Anhaia Mello já defendia a particularidade (e autonomia) do campo do Urbanismo em relação à engenharia civil e sanitária[8]. Em artigo de 1933, por exemplo, apontava que:

> "A palavra "Urbanismo", que se emprega no título deste artigo em falta de melhor, está consagrada pelo uso, para designar aquella sciencia – e arte – que inicialmente cuidou da 'coordenacão adequada das diversas phases do desenvolvimento civico, afim que a cidade crescesse de forma melhor ordenada, e com dispositivos proprios à cidade, trabalho e recreio do cidadão.
> Assim a definiu a camara de Commercio dos Estados Unidos na sua propaganda inicial: 'City Planning is the proper coordination of all phases of civic development, to the end that a city may frow in a more ordely way, and provide adequate facilities for livring, working ad recreation'.
> E também George McAnemy: 'City Planning simply means getting ready for the future in city growth'
> Inglezes e americanos diziam 'city planning'ou 'town planning', o que dava idea de simples traçado do plano de cidade, apenas cidade.
> E de facto, essa sciencia que é aliás muito antiga (Kahun- 2500 A.C.) iniciou a sua phase moderna alindando praças, traçando novos bairros, corrigindo erros dos cetros urbanos.
> A designação alleman 'städtdbau' dá tambem idéa de facto material, apenas, de construcção da cidade.
> 'Urbanisme" frances, nosso urbanismo, já é mais comprehensivo: dá idéia de concepção synthetica dos problemas da 'urbs', e o Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris, define: "l'étude genérale des conditions et des manifestations d'existence et de development des villes'
> Mas o que preocupa aos urbanistas não é apenas o facto material, geographico, que é a cidade, mas tambem, e principalmente, os factores anthropogeographicos e sociaes, de acção e reacção humana no ambiente geographico" (idem, 1933, p. 209).

O (moderno) Urbanismo configuraria o esforço de criar mais do que uma cidade bela ou higiênica: deveria promover o "progresso ordenado e lógico da cidade" (Mello, 1928, p. 237), produzindo um espaço para o "bem comum" de seus habitantes. Isso seria possível por meio de uma abordagem sistemática, abrangente e supostamente científica que se basearia na contribuição de várias disciplinas e profissões ligadas ao estudo e à intervenção nas cidades. Sem considerar que os termos equivalentes a "Urbanismo" em outras línguas fossem equivocados, Anhaia Mello expôs que eles se referiam às práticas e concepções que eram

[8] ressaltava principalmente a importância da função de coordenar, ou articular, as diversas intervenções na cidade – como forma de abordar o "todo" da cidade.

corriqueiras no passado, não correspondendo necessariamente às características do Urbanismo contemporâneo.

Se intervenções racionais sobre a cidade não eram novidade, existiria uma nova prática, adequada para seu tempo, que a rigor não poderia ser perfeitamente designada por nenhum dos termos que ele cita. Uma de suas características principais seria a capacidade de previsão, de ser sintético e "compreensivo", não se limitando ao traçado de vias ou à arquitetura urbana. Configurava-se, assim, já antes do contato com alguns dos textos importantes da Escola de Chicago, uma ideia de que o urbanista precisaria olhar para aspectos imateriais da cidade, para aspectos culturais e sociais.

Percebe-se, com isso, o esforço de Anhaia Mello em delimitar um campo de atuação multidisciplinar amplo que, ao mesmo tempo, distinguia a atividade do Urbanismo daquelas da Arquitetura e da Engenharia, mas não descartava seus conhecimentos. Referências a sociólogos, particularmente, à Escola de Chicago se adequavam perfeitamente ao discurso que Anhaia Mello esboçava havia 30 anos.

A interligação entre o ambiente construído e a comunidade, da forma social que se desenvolve sobre e com ele, foi um dos elementos mais destacados da Escola de Chicago de Sociologia e representa uma noção importante para o desenvolvimento do "comprehensive planning". Foi a partir dessa identificação que se pôde supor que mudanças na estrutura física de um bairro são capazes de gerar, por exemplo, melhores ou piores formas de agregação e integração da comunidade[9].

Anhaia Mello fez referência a conteúdos da Escola de Chicago nos anos 1940 e 1950 para tratar de temas que ele já colocava anteriormente. Ao invés de referências aos aspectos "sociológicos" e "ecológicos" da cidade, termos que sugeririam a leitura de autores como Park e Burgess, ele tratava nas décadas de 1920 e 1930, por exemplo, da dualidade entre "fatos materiais, geográficos" e "antropogeográficos e sociais, da ação e reação humana no ambiente geográfico".

A GENERALIZAÇÃO DA CIDADE

O segundo conjunto de referências relacionadas à Escola de Chicago na palestra de 1954 diz respeito à discussão sobre as características particulares da cidade. Se o sucesso do planejamento dependeria do conhecimento sobre as forças sociais, haveria características comuns sobre os fenômenos da urbanização e do urbanismo que permitiram tratar e comparar cidades de contextos diversos.

Em termos de discurso, uma natureza compartilhada entre todas as cidades faziam com que o conhecimento sobre uma delas pudesse ser, com mediações, transposto para

[9] Propostas urbanísticas como das Unidades de Vizinhança, sintetizada por Clarence Perry para o Plano Regional de Nova Iorque e seus Arredores ou mesmo baseadas no princípio de "Eyes on the Streets" que se desenvolveu a partir da leitura de Janes Jacobs sobre bairros de classe média nas áreas centrais das cidades americanas se calcam nesse princípio.

outras. A qualificação do que significa ser da cidade ou "urbano" apareceu na palestra na de dois modos: por um lado, enquanto discussão sobre as características gerais da cidade – aquilo que elas "possuem" – e, por outro, sobre as características sociais e culturais provenientes delas. Em ambos os casos, há um contraponto com o que seria típico do "campo" e do "rural".

A primeira proposição que opõe cidade e campo remete às características específicas ambientais. Anhaia Mello trata da complementariedade do urbano e do rural, ao introduzir o tema da região e indica que, embora existam diferenças entre eles, o planejamento deve pensá-los em conjunto para o bem do homem.

> "Uma unidade regional é um todo harmônico, que engloba os quatros ambientes básicos da vida humana – o primevo, o rural, o urbano e o metropolitano.
> O primevo – a natureza bruta, a mata, o céu, o sol, o mar, o rio – é o ambiente das fontes de vida, da comunhão do homem com a natureza.
> O rural – o campo, o povoado, a vila – é o ambiente dos interesses locais, da agricultura, do contato de homem a homem, nos circulos primários de parentesco e vizinhança.
> O Urbano e o metropolitano, a diferenciação; homogêneo ainda o primeiro, heterogêneo o segundo; ambiente de contatos secundários, de interesses de grupos, da manufatura, do comércio e da cultura" (Mello, 1954b, p. 6)

Anhaia Mello recuperava, na década de 1950, uma abordagem de planejamento urbano que se aproximava a dos membros da Regional Planning Association of American (RPAA), grupo do qual Lewis Mumford também fazia parte e valorizava a ideia de equilíbrio na concepção da "cidade regional". Reproduzia, em particular, uma leitura de MacKaye, contida no livro "The new Exploration", cuja edição de 1928 está disponível na biblioteca da FAUUSP, embora não faça parte do acervo de seu fundador.[10]

> "O fenômeno "urbano", distinto e separado do "rural" – deverá ser "rurbano" – mostra o que perde o homem na superespecialização de função desses ambientes exclusivos.
> Confinado neste ou naquele, aqui ou ali, perde o homem sempre algo do que necessita para o seu equilívrio biológico – e que o urbanita procura recobrar passando as férias no campo, e o rurícula na cidade.
> [...]
> Si o urbanismo é arte social, si existe para o maior bem do maior número, é preciso entendê-lo nesse sentido largo e arejado, e não como pretexto para valorização imobiliária, ou lucro e proveito de alguns em detrimento dos interesses da maioria". (ibidem, p. 7)

[10] Os livros consultados que oficialmente compõe o "Acervo Anhaia Mello" contam com assinatura na folha de rosto. Mas há diversos livros a que ele aparenta fazer referência que não constam no sistema. Toma-se a presença desses livros em bibliotecas da USP como indicador de que eles circulavam no Brasil na primeira metade do século XX.

O modelo das cidades-jardim teve grande influência em várias correntes urbanísticas e, nesse trecho, a noção de "rurbano" parece recuperar essa ideia. De acordo com Ebenezer Howard, cujo livro Anhaia Mello (1954b, p. 39) considerava ser "pouco conhecido" e ter tido "o destino comum dos clássicos, sendo mais respeitado e citado do que lido", para o desenvolvimento das cidades-jardim, seria necessário agregar tudo aquilo que a cidade e o campo teriam de bom em uma terceira opção – o imã cidade-campo – atrativa para indivíduos e empreendedores. A ideia de "rurbano" parece remeter ao terceiro imã.

Como Anhaia fizera, o primeiro livro sobre cidades-jardins apontava que os problemas urbanos eram complexos, mas estariam ligados às enormes concentrações demográficas. O grande fluxo de migração do campo para as cidades era destaque. Uma discordância, no entanto, marca a "atualidade" do pensamento do urbanista brasileiro. Enquanto em trecho esclarecedor sobre a atuação dos planejadores no começo do século, Howard aponta que, para resolver os "problemas urbanos", ao invés de estudar diversas causas responsáveis pela agregação de tanta gente nas cidades, bastaria criar incentivos para a "desconcentração" que fossem maiores do que a atração gerada pelas cidades, Anhaia Mello defendia na década de 1950 a necessidade de que os urbanistas estudassem a sociologia das cidades.

A identificação da especulação com a terra como um dos fatores que impediriam a melhoria das cidades, colocada por Anhaia Mello em tom que parece ter sido provocador no contexto paulista, também remete ao que Howard desenvolve em seu esquema sobre a implementação de cidades-jardins.

> "É claro que essa enorme diferença entre os valores de locação deve-se quase inteiramente à presença de grande contingente populacional num caso e a sua ausência no outro, e como isso não pode ser atribuído à ação de nenhum indivíduo em específico, o aumento é chamado muitas vezes de "incremento imerecido", isto é, não merecido pelo senhorio, ainda que o termo mais preciso devesse ser "incremento coletivamente conseguido" (Howard, 1996, p. 120).

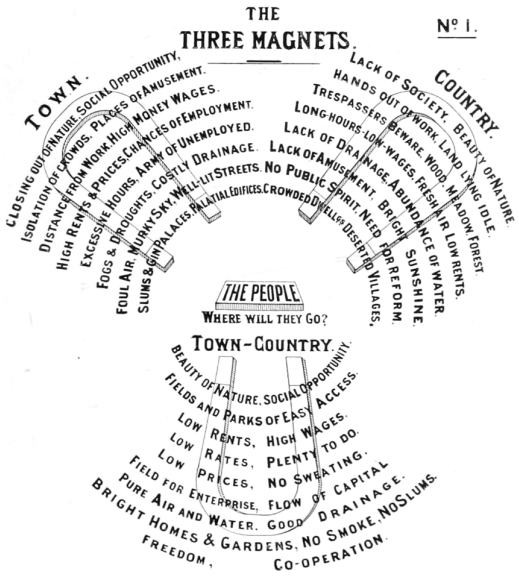

Imagem II – O imã da cidade-jardim de Ebenezer Howard (1996)

A referência aos "quatro ambientes básicos" de MacKaye e a ideia de "Rurbano" apresentam características próprias das cidades a partir da análise daquilo que não é urbano e tratam de complementariedade. Embora, no segundo caso, trate-se de fatores antrópicos do campo e da cidade, ainda assim a análise é baseada naquilo que cada espaço (o rural, o urbano e o "rurbano") "possuiria" ou não.

Conteúdos relevantes à Escola de Chicago aparecem de forma mais marcante na discussão sobre a identificação do modo de vida e das características sociais das comunidades de cada um desses ambientes. Recuperando o que esboçara em artigo anterior Mello (1945a) aponta:

> "Cidade e campo, dois polos da vida nacional, constituem de fato, um "continuum", cujo "index" real não é propriamente demográfico, mas psico-social. O rural e o urbano se definem melhor em termos de comportamento e relações do que em números.
> Num dos extremos desse "continuum" se encontram não apenas pequeno número de pessoas mas homogeneidade, conhecimento mútuo, compreensão, sistemas coerentes de costumes e tradições.
> No outro extremo, grande número, heterogeneidade, contatos secundários, esto é, temporários, casuais e superficiais; diferenças de língua, costumes, codigos de comportamento, educação e "status" (ibidem).

Ao fazer essa relação entre os tipos urbano e rural, Anhaia Mello aproximava-se do que Louis Wirth fizera em "Urbanism as a way of Life", artigo em que o sociólogo identifica três fatores "ecológicos" das cidades que fariam com que seus habitantes tivessem um modo particular de viver: grande população, densidade demográfica e heterogeneidade social. Park, já nos textos fundadores da Ecologia Humana, também tratou dessa questão recuperando, por exemplo, as ideias de Georg Simmel.

Mesmo que não estivesse fazendo referência direta a algum texto de Chicago, Anhaia Mello tratava de uma bibliografia que era cara àqueles sociólogos. Ele utiliza os conceitos de Ferdinand Tonnies, gemeinschaft e gesellschaft (comunidade e sociedade) como paralelos ao binômio campo e cidade e trata da existência de um "continuum" entre esses extremos, de modo similar ao que Wirth fizera:

> Because the city is the product of growth rather than of instantaneous creation, it is to be expected that the influences which it exerts upon the modes of life should not be able to wipe out completely the previously dominant modes of human association. To a greater or lesser degree, therefore, our social life bares the imprint of an earlier folk society, the characteristic modes of settlement of which were the farm, the manor, and the village. This historic influence is reinforced by the circumstances that the population of the city itself is in large measure recruited from the countryside, where a mode of life reminiscent of this earlier form of existence persists. Hence we should not expect to find abrupt and discontinuous variation between urban and rural types of personality. The city and the country may be regarded as two poles in reference to one or the other of which all human settlements tend to arrange themselves. In viewing urban-industrial and rural-folk society as ideal types of communities, we may obtain a perspective for the analysis of the basic models of human association as they appear in contemporary civilization (Wirth, 1938, p. 03).

A preocupação com a diferenciação sociológica entre os homens do campo e da cidade estava ligada, para os sociólogos de Chicago, à análise da migração e do crescimento das cidades com base no êxodo rural. Imigrantes europeus e negros do Sul do país chegavam às grandes cidades do Norte dos Estados Unidos e enfrentavam a mudança de um ambiente rural para urbano. Não alteravam, da noite para o dia, seu comportamento e o processo de assimilação e seus efeitos sobre as cidades interessava muito a autores como Park, Wirth e William Thomas, que atribuíam à desorganização da vida das pessoas responsabilidade sobre diversos "males urbanos". Questionamentos sobre as diferenças nos mecanismos de controle social em cidades, onde dominam relações secundárias, e no campo já apareciam em "The City" (Park, 1952).

Discussões sobre controle social e assimilação dos migrantes eram importantes para os autores da Escola de Chicago, que encaravam as questões "práticas" do convívio das grandes cidades. Nesse contexto, o contato direto com os objetos de estudos – a pesquisa de campo – era parte fundamental dos trabalhos dos sociólogos que estudaram sob supervisão de Park e Burgess. Campo e cidade eram idealizações que serviam, naquele contexto, como ponto de partida e referência para que os pesquisadores enfrentassem seus objetos de pesquisa: "áreas naturais" de Chicago, pequenas e médias cidades.

Nos textos de Anhaia Mello a preocupação com a natureza da cidade aparece em termos introdutórios, se limitando a algumas observações genéricas. Ela aparece como oposição entre cidade e campo, urbano e rural, mas não a partir da observação das particularidades brasileiras ou paulistas. O urbanista se limita a apresentar dados

quantitativos sobre demografia para explicitar que existiriam "problemas urbanos" graves mas raramente nomeia quais seriam e jamais os analisa de modo profundo. Urbano e rural parecem ser "importados" nesse texto, operação possível por conta da apresentação de uma aparente generalidade das "cidades".

O MODELO DO CRESCIMENTO URBANO COMO EXPLICAÇÃO DO "CICLO METROPOLITANO"

Foi a partir de uma noção generalizante sobre as cidades que Anhaia Mello pôde apresentar o "ciclo metropolitano" de Mumford e Geddes como pertinente também para São Paulo. O terceiro conjunto de referências aos conteúdos típicos da Escola de Chicago foi, então, articulado por ele para explicar o que, na prática, levaria à decadência das cidades – quais forças sociais operariam sobre esse território. Para isso apresenta a hipótese sobre o modelo de crescimento das cidades americanas, formulada por Burgess em 1921.

> "O processo típico da expansão de uma cidade pode ser ilustrado – ensina Ernest Burgess – por uma série de círculos concêntricos, que representam as zonas sucessivas da extenção urbana, e também os tipos de áreas diferenciadas, no processo de expansão." (Mello, 1954b, p. 35)

O tema da expansão da cidade, segundo Burgess, era de interesse de muitos profissionais e estudiosos, mas era analisado nas grandes "surveys" do planejamento urbano meramente enquanto fenômeno físico. Ele argumentava que o crescimento das cidades precisava ainda ser analisado enquanto processo e que "os materiais para um estudo e os indícios de diferentes aspectos do processo [estivessem] contidos no planejamento urbano, no zoneamento e nos "surveys" regionais" (Burgess, 1925, p. 355-7).

O modelo a que Anhaia Mello fazia referência propunha uma representação ideal do crescimento das cidades, baseada em círculos concêntricos[11]. Cada um dos círculos, do interno (o lugar de negócios e comércio, o C.B.D.[12]) ao externo era caracterizado como típico de um grupo social. A partir do centro da cidade, encontrar-se-iam cinco zonas: (I) "Loop", composto pelo "Central Business District" (C.B.D.); (II) área de transição em degradação, com habitações de custo mais baixo, comércio e alguma manufatura leve; (III) região de moradia dos trabalhadores industriais que conseguiram evitar a área II, mas que ainda queriam viver

[11] O esquema foi consagrado e aplicado em diversos contextos, sendo considerado mesmo um modelo de morfologia urbana e um padrão de distribuição de preços de terra. O esquema era, no entanto, somente um ponto de partida para as pesquisas do departamento, conforme fica claro quando o próprio Burgess analisa os resultados dos estudos desenvolvidos até o final da década de 1920 (Burgess, 1929). Os sociólogos de então não esperavam que as cidades se ajustassem perfeitamente a esse modelo, pois complicações eram adicionadas, por exemplo, pelas características do relevo, pela dinâmica de deslocamentos internos e externos e por questões históricas.

[12] "Central Business District".

próximo ao emprego; (IV) a área residencial, com apartamentos de classe alta e residências unifamiliares e, por último, (V) a zona dos "commuters".

Fazendo um paralelo com a ecologia vegetal, Burgess indicava que, por meio do processo de "sucessão", cada uma das zonas mais internas tenderia a se expandir sobre a subsequente (Burgess, 1925, pg. 356). Na Chicago do começo do século XX, o crescimento da população da cidade acontecia principalmente por causa da chegada de imigrantes, que se instalariam inicialmente no entorno do C.B.D. (a zona de transição) e, conforme avançassem economicamente, buscariam casas mais amplas nos círculos mais externos. Os círculos internos tenderiam a crescer sobre os externos e a cidade, como um todo, cresceria em extensão horizontal. Os círculos concêntricos realçavam a tendência centrípeta do desenvolvimento urbano.

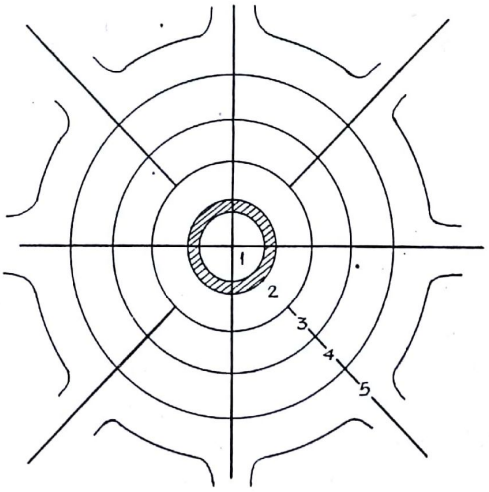

Fig. I.3
Os círculos concêntricos na formação das metrópoles.

Imagem III – Apresentação dos "círculos concêntricos" por Anhaia Mello (1957)

A reflexão sobre a expansão da cidade e a preocupação com seus aspectos espaciais estavam conectados, em Chicago, com a análise da migração e da organização dos grupos sociais na cidade. A pioneira análise da segregação urbana que se desenvolveu naquele contexto buscava compreender como diferentes grupos sociais – imigrantes, negros, jovens, mulheres –, por livre escolha ou não, tendiam a concentrar suas atividades em alguns pontos da cidade, as "áreas naturais". O modelo servia como base para pesquisas empíricas, em que os alunos de Park e Burgess frequentemente lidavam diretamente com as comunidades que pretendiam estudar.

> "A deterioração sociológica advém de que, em regra, nessas zonas, o indivíduo está só, isolado. Poucos conhecimentos e amizades. Anonimidade e irresponsabilidade. Distâncias sociais, mau grado empilhamento físico.

> Mobilidade excessiva: hoje aqui, amanhã acolá. Desinteresse cívico, apatia; resignificação ou revolta; extremos perigosos.
> A vida humana não tem preço, mas as estatísticas provam que o "deficit" causado por esses "black-belts" em serviços públicos prestados, policia, crime, saúde, assistência, acumulado em cinco anos, seria importância suficiente para desapropriação de todos os imóveis dessas zonas" (Mello, 1954b, p. 36)

A Escola de Chicago desenvolvia uma pesquisa urbana baseada em fatores culturais e em escolhas dos indivíduos que viviam na cidade. Dessa forma, ao identificar que existiam concentrações étnicas em determinadas partes da cidade, Burgess e seus colegas ressaltaram como aquela segregação poderia ser produto da "soma" do livre arbítrio dos novos urbanitas. Vizinhanças com grandes comunidades de mesma origem, hábitos ou estilos de vida foram chamadas de "Áreas naturais".

Os "problemas urbanos" que eram encarados pela Sociologia de Chicago – o vício, o crime, a vadiagem – eram identificados como característicos da Zona de Transição no entorno do "loop" e de algumas "regiões naturais" características de cada cidade. Diferentemente de seus antecessores, Burgess e Park não atribuíam esse quadro a questões morais que culpabilizavam de forma direta os grupos étnicos, população que costumava habitar a zona, considerando-os inferiores. Eles buscaram identificar uma espécie de lei social capaz de explicar a correlação detectada.

No trecho, Anhaia Mello identifica a área da cidade que seria responsável pelos problemas urbanos e cita particularmente uma das "zonas naturais" identificadas pelos sociólogos de Chicago: o "black-belt", conjunto de vizinhanças ao Sul da cidade na qual estava reunida a moradia da maior parte dos negros da cidade.

Em Chicago, "black-belt" (assim como "deutchland", "little sicily") era uma expressão que conectava a população típica de uma parte da cidade a seu local de origem, o Sul outrora escravista dos Estados Unidos. Anhaia Mello, no entanto, toma a expressão como sinônimo de área degradada, ou de transição, daquelas a que os sociólogos atribuíam a desorganização social relacionada com os "problemas urbanos". O "black-belt", no entanto, era somente uma das "áreas naturais" que interessavam às pesquisas de Chicago.

Embora trate pouco sobre São Paulo, uma interpretação pertinente sobre a escolha do emprego no plural da expressão "black-belts" deve considerar que a fala do urbanista revelava alguma forma de valor em relação ao contexto com o qual lidava, o que poderia estar relacionado, conscientemente ou não, à ideia de deterioração e dos ditos problemas urbanos com a questão racial.

Além da metonímia sobre os "black-belts", Anhaia Mello sugere que o principal "problema" que ele identificava em São Paulo era o dos cortiços. Mais do que tratar algumas vezes de informações sobre cidades brasileiras por meio da apresentação de dados demográficos para mostrar o "gigantismo" de São Paulo (Mello, 1954b), ele situaria mais tarde, em "Curso de Urbanismo", os cortiços em uma aplicação do modelo da estrutura

urbana de Burgess para o caso da capital: estariam nas zonas 3 (Brás, Belenzinho, Móoca) e 5 (São Miguel, Osasco, etc) (Mello, 1957, p. 14). Na palestra de 1954, apontou também:

> "Este é o molde espacial do metropolitanismo, pois: zonas de transição no centro e na periferia; zonas de transição que se transformam, fatalmente, uniformemente, em áreas de deterioração, e eis o cortiço em cena.
> O cortiço, e seu cortejo de males.
> O cortiço, produto de processos ecológicos e sociais, é criação típica do metropolitanismo.
> E as estatísticas mostram nessas zonas negras, como resultado da estreita relação entre habitação e saúde física e espiritual, todos os malefícios da promiscuidade e da miséria.
> Assim a mobilidade característica, a obsolescência, a doença, a delinquência, pela diversidade de "folkways" e "mores" dos grupos étnicos assim formados" (Mello, 1954b, p. 36).

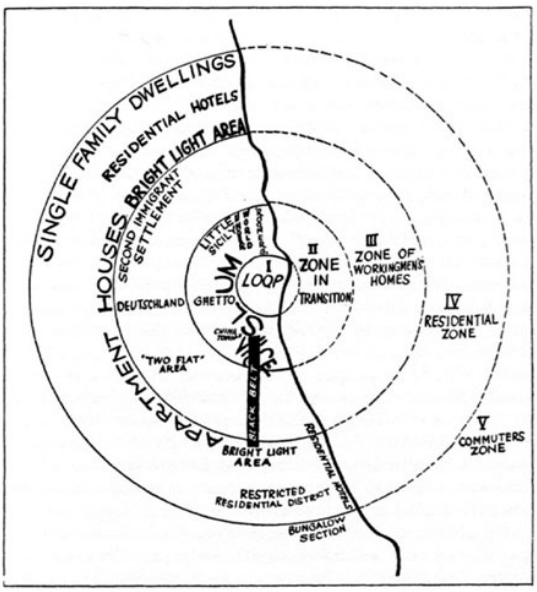

Imagem IV – Os círculos concêntricos em Chicago (Park, 1925)

A raiz de vários dos "problemas urbanos" era identificada como decorrente da excessiva mobilidade dos membros de alguns grupos: negros, imigrantes europeus, hobos, etc. A mudança drástica de padrão de vida e contexto social estava relacionada, na escala da cidade, à mudança de localização. Os poloneses, por exemplo, haviam deixado suas aldeias no campo europeu e chegaram em uma das maiores cidades do mundo, trocando um ambiente em que dominavam controles sociais baseados na família e em relacionamentos primários por um ambiente de relações secundárias, informalidade e interesses[13].

[13] A citação de Wirth sobre o modo de vida urbano e os conceitos de Tonnies de que tratamos anteriormente interessam a Escola de Chicago nesse contexto, mas não são retomados nesse ponto da linha de argumentação de Anhaia Mello.

O interesse nas características das vidas rural e urbana e pelas migrações, presente nos textos da Escola de Chicago, estava ligado à integração das diversas partes e grupos que interagiam nos Estados Unidos do começo do século XX. Diversas foram as formulações feitas sobre o que Coulon (1995) chama de "ciclo das relações étnicas"[14], mas elas giravam em torno da ideia de que gradualmente os indivíduos que passaram pela desorganização de suas vidas (por causa da mudança drástica de ambiente, por exemplo) seriam "assimilados" pela sociedade americana e reorganizariam suas relações sociais de acordo com o novo contexto.

Assim, as "áreas naturais" de que Park trata eram, por vezes, interpretadas como produtos de processos de concentração voluntária. Indivíduos, sob essas condições de desorganização da vida social tenderiam a se agrupar com base em interesses, origem e etnicidade. Os processos que produziriam tanto os "black-belt" quanto as categorias específicas dessa região não seriam particularmente distintas do que poderia ser gerado em outras áreas de interesse ou de grupos étnicos.

No discurso de Anhaia Mello, o modelo ecológico do crescimento da cidade servia para ilustrar que forças "naturais" tendiam a fazer com que a cidade crescesse indefinidamente e apontasse para a direção da metropolização e da fase decrescente do ciclo metropolitano de Geddes e Mumford. O avanço no "ciclo" era apresentado, por tanto, como uma consequência inevitável e a decadência inerente a expansão urbana.

Uma enorme tensão pode ser identificada entre o argumento central de Anhaia Mello e a Escola de Chicago. Se a posição do brasileiro, na década de 1950, se aproximava de posturas antiurbanísticas e favorecia a contenção do crescimento e a descentralização, Fishman (2000) reconhece a Escola de Chicago, ao lado do Plano Regional de Nova Iorque e seus Arredores (RPNYE), como pilar da tradição metropolitanista do planejamento urbano que dominou a cena americana até a década de 1930.

A preocupação daqueles sociólogos com a capacidade de integração dos novos urbanitas nos padrões da sociedade norte-americana caminhava junto a uma visão otimista em relação às cidades. Apesar dos "problemas urbanos", o processo de assimilação suposto por Park em "Introduction to the Science of Sociology" era uma esperançosa concepção da cidade como um mecanismo de contato, negociação e inclusão de estrangeiros na cultura e nos modos americanos (Fishman, 2000, p 73). Segundo essa linha de pensamento, com o "assentamento" de seus novos habitantes, a tendência era que os "problemas" diminuíssem.

Anhaia Mello não comenta essa aparente contradição com os pensadores de Chicago, mas utiliza um dispositivo em seu discurso para amarrar e compatibilizar as ideias do "ciclo metropolitano" com o crescimento das cidades. Ele adiciona à ideia original de Burgess a falta de "entelechia aristotélica" e dessa forma, problemas urbanos se tornam, ao invés de problemas na cidade, problemas da cidade. O crescimento, causa dos problemas, não se limitaria por si só, mas tenderia a piorar toda situação:

[14] Park fala em competição, conflito, acomodação, assimilação. William Thomas trata de organização, desorganização e reorganização.

> Assim a expansão urbana ou metropolitana é um resultante de organização e desorganização, análoga aos processos anabólicos e catabólicos do metabolismo do corpo humano.
> Mais uma semelhança entre os dois organismos.
> Mas, ao contrário do organismo humano, o urbano não possui a "entelechia" aristotélica, a posse da própria perfeição, e vae crescendo indefinidamente, patologicamente, com prejuízo da própria finalidade e da razão da sua própria existência" (Mello, 1954b, p. 35 – grifo nosso).

Como a cidade tenderia a crescer por sua própria natureza, por fatores "ecológicos", seria necessária a intervenção externa para romper com o ciclo metropolitano. De modo muito interessante, o urbanista conecta a leitura social com a prática de planejamento. A forma concêntrica e mononuclear do desenvolvimento urbano apresentada no modelo de Burgess, Anhaia argumentava citando novamente Lewis Mumford, era fruto da tecnologia paleotécnica, da época da revolução industrial baseada no carvão. O modo de romper o ciclo metropolitano seria, portanto, combater – com planejamento urbano – as tendências naturais do crescimento da cidade sob as tendências paleotécnicas. Com as tecnologias então disponíveis, da eletricidade e das telecomunicações, isso seria possível.

> "A máquina social moderna é muito complicada para operação automática; o plano tornou-se uma necessidade [...]
> A limitação deve ser forçada por fatos exteriores de planejamento orgânico. O ciclo de crescimento é reversível, por meio de regionalismo e polinucleação" (idem, 1945).

Agora, com a tecnologia do complexo tecnológico neotécnico, da eletricidade, a intervenção externa poderia criar formas urbanas diferentes que barrassem o ciclo metropolitano: redes de cidades-jardim, baseadas na polinucleação, na ideia de unidade de vizinhança e na limitação da extensão por "cintas verdes". As fábricas modernas, por exemplo, ele apontou, já não demandavam a ordem e a poluição da cidade paleotécnica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, o esforço principal foi de ressaltar as tensões relacionadas ao emprego de referências e do tratamento de temas caros à Escola de Chicago na fala de Anhaia Mello. Indicou-se que as proposições dessa Escola tiveram relevância na forma como o urbanista tratava a cidade na década de 1950, mas não estiveram no cerne do argumento descentralizador que justificava o "Esquema Anhaia".

A ideia de que a causa dos "problemas urbanos" seria o crescimento "natural" das cidades levaram Anhaia Mello a citar o tradicional modelo dos círculos concêntricos de Ernest Burgess para ilustrar como esse "ciclo" genérico operaria na realidade. O esquema de ciclo

metropolitano ilustraria uma dinâmica maior e a explicação de Burgess mostraria o processo na prática em todas as cidades.

A cidade foi ressaltada nos textos da década de 1950 como uma entidade socialmente constituída e seu espaço, como influente sobre os indivíduos que nele circulam. Marcava-se uma inovação no Urbanismo no Brasil ao apontar a importância de conhecer as forças sociais que governavam o crescimento e a organização das cidades e incluir a sociologia no conjunto de saber que deveriam ser acessados para lidar com o ordenamento territorial. Não chegava-se a negar as disciplinas da engenharia e da arquitetura, mas por certo havia um questionamento de sua hegemonia no campo do planejamento. A pretensa identificação de leis sobre o funcionamento da cidade, como as do crescimento urbano de Burgess e as presentes nas considerações sobre o controle social, permitiam pensar intervenções sob o espaço físico como indutores de mudanças sociais.

Além disso, as análises que distinguiam as características e a vida da cidade daquela do campo, como as da Escola de Chicago, ressaltavam o que haveria de comum e geral no urbano e favoreciam, fosse essa a intenção ou não, a comparação de cidades e práticas internacionais. Essa comparabilidade era importante para a constituição do campo do Urbanismo do qual Anhaia Mello se apresentava como uma autoridade.

Identificou-se uma tensão importante na "junção" dos argumentos sobre o ciclo metropolitano e o modelo ecológico do crescimento das cidades: enquanto o projeto de pesquisa da Escola de Chicago apresentava uma posição otimista sobre a cidade, que servira como base para o metropolitanismo que dominou o campo urbanístico dos Estados Unidos até a quebra da bolsa, a postura de Mumford e Anhaia Mello se encaminhavam para visões sobre o planejamento regional que buscavam a desconcentração e a limitação do crescimento.

Anhaia Mello parece lidar com uma vulgata da Escola de Chicago, pois utiliza os fundamentos de suas pesquisas para tratar de São Paulo e do Brasil mas não considera a enorme preocupação empírica dos sociólogos ligados a Park e Burgess. O esquema dos ciclos concêntricos, por exemplo, sobre o qual Anhaia faz diversas considerações, não era mais do que um ponto de partida para pesquisas sobre as cidades, mas é tratado por ele como um modelo operativo. O fundador da FAUUSP não foi o primeiro a fazer isso, de forma que se pode supor que certo descolamento dos métodos de Chicago estivesse ligado ao fato de ter contato com as pesquisas por meio de fontes secundárias diversas, muitas vezes manuais que pretendiam esgotar temas importantes em algumas centenas de páginas. Ele teve contato com textos originais, mas isso aconteceu em um contexto significativamente diferente daquele em que eles foram escritos.

Anhaia Mello não era sociólogo, mas, a partir do recorte de pesquisa isso fica claro, esforçou-se para transpor e conectar os saberes de várias áreas e fontes em seu discurso. A sociologia era particularmente importante. Nesse sentido, ele reproduz trechos e carrega conceitos caros a autores como Park e Burgess, mas não se pode falar em mimese, nem de afiliação aos conteúdos da Escola de Chicago. Anhaia Mello cita muitas referências que se opunham em seus contextos de origem, ao esboçar um novo campo de atuação. Diante disso,

revela-se interessante que futuras pesquisas analisem os papéis e os motivos da seleção do que ele "toma" e do "ignora" de cada fonte.

O quadro que se encontra no discurso de Anhaia Mello na década de 1950, que por conta da sua posição como um dos principais professores em uma das mais conceituadas faculdades do Brasil parece ter ecoado por muitos anos, é de reconhecimento da cidade como construção social e do espaço como agente ativo na organização social, mas de pouca atenção às particularidades da forma urbana a seu redor. Ao esboçar as diretrizes para o Plano Regional de São Paulo, trata muito da cidade genérica, sobre a qual pretendia-se especialista, e defendia a necessidade de conhecer as forças sociais que a constituem, mas praticamente nada é dito sobre as condições materiais e socioeconômicas particulares dos próprios municípios que seriam abarcados pelo esquema do plano regional.

REFERÊNCIAS

BURGESS, Ernest W. The Growth of the City: An introduction to a Research Project. In Park, Robert E. et al. *The City*. Chicago: University of Chicago Press. 1925

COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Campinas: Papirus, 1995.

EUFRÁSIO, Mario A. A Escola de Chicago de Sociologia: Perfil e Atualidade. In *Anais do 33º encontro do CERU*. 2006.

EUFRÁSIO, Mario A. *Estrutura Urbana e Ecologia Humana*. A escola sociológica de Chicago (1915-1940). Segunda Edição. São Paulo: editora 34, 2013.

FELDMAN, Sarah. 1950: A Década de Crença no Planejamento Regional no Brasil. In *Anais do XIII ENANPUR*. Florianópolis: 2009.

FISHMAN, Robert (2000). The Metropolitan Tradition in American Planning. in Fishman, Robert. *The American Planning Tradition: culture and policy*. Washington, D.C.: Woordrow Wilson Center Press, 2000.

HOWARD, Ebenezer. *Cidades-Jardins de Amanhã*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MACKAYE, Benton. *The New Exploration*. New York : Harcourt, Brace & World, 1928.

Mello, Luiz Ignácio Romeiro de Anhaia. Urbanismo. *Boletim do Instituto de Engenharia.* São Paulo, n.42, p.235-40, novembro. São Paulo: 1928.

MELLO, Luiz Ignácio Romeiro de Anhaia. A Verdadeira Finalidade do Urbanismo. *Boletim do Instituto de Engenharia*, n.51, p.106-12, agosto. São Paulo: 1929.

Mello, Luiz Ignácio Romeiro de Anhaia. Urbanismo e suas normas para organização de planos. *Boletim do Instituto de Engenharia*, n.89, p.209-215, Abril. São Paulo: 1933.

MELLO, Luiz Ignácio Romeiro de Anhaia. A Cidade, Base Material de Relações Sociais. Sociologia Urbana, Ecologia Humana e o Plano de Londres. *Engenharia*, n. 31, Março, p. 269-277. São Paulo: 1945.

MELLO, Luiz de Anhaia. *Hipertrofia das cidades, fator de aniquilamento da família, uma tese de sociologia urbana*. mímeo. São Paulo: FAUUSP, 1954a.

MELLO, Luiz de Anhaia. *O Plano Regional de São Paulo*: Uma contribuição da Universidade para o estudo de 'um código de ocupação lícita do solo'. mímeo. São Paulo, 1954b.

MELLO, Luiz de Anhaia. *Curso de Urbanismo*. São Paulo: Grêmio Politécnico. 1957.

MENDOZA, Edgar. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo. *Sociologias*, ano 7, no. 14. pgs. 440-70. Porto Alegre: 2005.

MERKEL, Gonzalo Martín Rodríguez. Que es y que no es segregación residencial. Contribuiciones para un debate pendiente. *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. Vol. 19. 2014. Disponível em: http://www.ub.edu/geocrit/b3w-1079.htm [acesso em 10/10/2018]

MEYER, Regina Prosperi. *Metrópole e Urbanismo*: São Paulo nos anos 1950. Tese de Doutoramento. São Paulo: FAUUSP, 1992.

MUMFORD, Lewis. *The Culture of Cities*. [Edição que pertenceu a Luiz de Anhaia Mello] Londres: Secker e Warburg, 1944 [1938].

OSELLO, Marcos A. *Planejamento Urbano em São Paulo* (1899-1961). 1983. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FGV, 1983.

PARK, Robert. The City: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the City Environment. Originalmente publicado em 1915. In Park, Robert. *Human communities*: the city and human ecology. Glencoe: Illinois Free Press, 1954.

RUFATO, Marcela. *Imigrações e relações raciais na Cidade Moderna*: a teoria social de Louis Wirth. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH, 2010.

SMITH, Dennis. *The Chicago School. A Liberal Critique of Capitalism*. Londres: MacMillan, 1988.

THOMAS, William. Race Psychology: Standpoint and Questionnaire, with Particular Reference to the Immigrant and the Negro. *American Journal of Sociology*, no. 17. Pgs. 725-75. 1912.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço Intraurbano*. São Paulo. Studio Nobel, 2009.

WIRTH, Louis. Urbanism as a way of life. *American Journal of Sociology*. Vol. 44, no. 1, pgs. 1-24. Chicago: 1938.